

Em Tese

INDIGNAÇÃO, DECADÊNCIA E CONSPIRAÇÃO: A RETÓRICA REACIONÁRIA SEGUNDO RICHARD SHORTEN

INDIGNATION, DECADENCE AND CONSPIRACY: RICHARD SHORTEN'S REACTIONARY
RHETORIC


Gustavo Gabaldo Grama de Barros Silva

Doutorando em Ciências Sociais

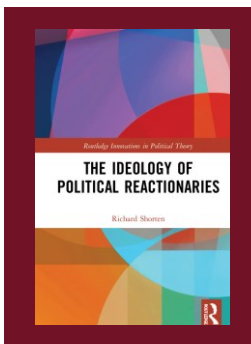
Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Juiz de Fora, Brasil

gustavograma97@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0540-9457>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●



SHORTEN, Richard. **The ideology of political reactionaries**. New York: Routledge, 2022.

PALAVRAS-CHAVE: Reacionarismo. Retórica. Ideologia.

KEYWORDS: Reactionarism. Rhetoric. Ideology.

Em meados da década de 1980, enquanto escrevia seu estudo clássico sobre retórica reacionária, Albert O. Hirschman vivenciava um contexto marcado pelo triunfo do movimento conservador norte-americano. Assim, grande parte das motivações teóricas e políticas por trás de *A retórica da intransigência* (2019) residiu, precisamente, em superar as cisões que se aprofundavam nos países democráticos “avançados”, marcados pela “falta sistemática de comunicação entre grupos de cidadãos, tais como liberais e conservadores, progressistas e reacionários” (HIRSCHMAN, 2019, p. 10).

Uma das tendências para se analisar tal fenômeno consistiu em abordar os aspectos psicológicos da “personalidade conservadora”. Hirschman (2019, p. 10), no entanto, procurou superar tais perspectivas a partir de uma investigação acerca das tendências retóricas da reação, ou, em suas palavras, nos “imperativos de argumentação” empregados por grupos reacionários. Logo, a compreensão destes movimentos políticos residiria menos no exame de suas convicções, do que em seus modos rotineiros de discussão.

Richard Shorten, tal como Albert O. Hirschman, experimentou um contexto semelhante de expansão massiva da direita política. Desde 2015, este cenário foi marcado pelo triunfo do Brexit no Reino Unido, a eleição presidencial de Donald Trump nos Estados Unidos, o crescimento de Marine Le Pen na França e a criação do *Alternative für Deutschland* (AfD) na Alemanha. Eventos semelhantes, deslocados do norte global, também se acumularam. São frequentemente evocadas, em parte significativa das notícias sobre o “ressurgimento da extrema-direita”, as eleições de Jair Bolsonaro no Brasil, Narendra Modi na Índia e Recep Erdoğan na Turquia.

Insatisfeito com as correntes interpretações jornalísticas e acadêmicas sobre o fenômeno, Shorten (2022, p. 1) percebeu a necessidade de uma compreensão renovada acerca do campo político da direita moderna. *The ideology of political reactionaries* (2022), publicado recentemente pela editora britânica *Routledge*, é o resultado de seu esforço para apreender não apenas as manifestações contemporâneas do reacionarismo, mas suas específicas e persistentes raízes históricas.

Assim, este novo livro pode ser tido como uma etapa de um projeto mais amplo de mapeamento ideológico, cuja atividade principal liga-se ao reposicionamento da imagem unidimensional do panorama político moderno. Se em *Modernism and Totalitarianism* (2012) Shorten buscou as raízes intelectuais comuns ao totalitarismo – a ver, utopismo, cientificismo e violência revolucionária – de modo a dobrar o aparente continuum ideológico

do binômio esquerda-direita, a tarefa de *The ideology of political reactionaries* (2022) é captar as sobreposições e tradições ideológicas da direita política.

De modo geral, o trabalho empreendido por Shorten, iniciado em seu artigo *Reactionary rhetoric reconsidered* (2015), reside na recuperação de dois elementos da teoria política, um de caráter conceitual e outro de aspecto analítico. O primeiro consiste na revitalização da categoria de “reacionarismo” para além de sua concepção desgastada, marcada por uma lógica meramente binária de oposição à mudança social e representante de uma espécie de teocracismo medieval. Um dos objetivos de Shorten (2022, p. 2-3) é justamente identificar a reação como ideologia autônoma do mundo moderno, dotada de uma tradição e características específicas que a diferenciam de outros representantes do heterogêneo espectro da direita política.

O segundo elemento consiste em utilizar a análise retórica como caminho para uma taxonomia do reacionarismo. Em consonância com algumas das estratégias de Hirschman (2019, p. 168), Shorten busca se desvencilhar de abordagens disposicionais, sociológicas e conceituais da reação. A primeira delas privilegiaria o estabelecimento de personalidades fixas do agente reacionário, a segunda focalizaria os interesses político-econômicos dos grupos da reação e a última destacaria seus valores filosóficos transcendentais (SHORTEN 2022, p. 6-14, tradução nossa). Contudo, para Shorten (2022, p. 15), mais do que um agregado de tendências psicológicas, interesses coletivos ou preceitos morais, esta ideologia pode ser definida como “um agregado de recursos retóricos, que regularmente relacionam-se entre si e cuja interconexão pode provê-la com [...] um suficiente padrão interno”.

Uma abordagem retórica do reacionarismo permite estabelecer conteúdos duráveis de identificação através de suas dinâmicas mundanas de expressão, ou seja, funciona enquanto procedimento elástico o suficiente para abarcar diferentes manifestações da reação, ao mesmo tempo em que permite estabelecer uma genealogia histórica coesa. Menos do que privilegiar a forma em detrimento do conteúdo¹, trata-se de delimitar, de maneira analiticamente segura, a posição específica desta linhagem de pensamento no interior do mapa das ideologias políticas (SHORTEN, 2022, p. 14).

Estabelecidos alguns de seus pressupostos teórico-metodológicos, Shorten passa a identificar estratégias retóricas historicamente compartilhadas por distintos agentes reacionários, desde os escritos pós-revolução francesa de Joseph De Maistre e Edmund

¹ De acordo com Shorten (2022, p. 18), a retórica não é apenas uma forma de comunicação de significados ideológicos, mas, na verdade, é uma face alternativa destes conteúdos.

Burke, passando pelo fascismo e macarthismo da primeira metade do século XX, até figuras contemporâneas como o *nouveaux réactionnaire* Éric Zemmour e a política norte-americana Sarah Palin. A escolha de tais representantes é menos fruto de um movimento retórico do que um desdobramento da forma como o autor mapeia o campo ideológico, assente na concepção de que “investigar a reação requer uma expansão imaginativa do terreno ideológico entre a extrema direita e a centro-direita, de modo que traços até então ignorados apareçam à vista” (SHORTEN, 2022, p. XVI, tradução nossa).

Assim, a partir de procedimentos analíticos de expansão e contração dos conteúdos argumentativos da reação, Shorten estabelece três pilares retóricos que garantiram as bases permanentes de atuação do pensamento reacionário nos últimos dois séculos. As proposições da indignação, decadência e conspiração compõem um panorama que mobiliza, simultaneamente, as dimensões do *pathos*, *logos* e *ethos* de um discurso. Seguindo a tradição aristotélica de que o processo de convencimento, ou de “raciocínio entimemático” (ALEXANDRE, 2005, p. 37), não se realiza apenas pelo uso da razão (*logos*), mas também pela disposição de caráter do orador (*ethos*) e da criação de um estado emocional (*pathos*) junto ao ouvinte, Shorten associa cada um dos pilares retóricos do reacionarismo a estes três componentes persuasivos.

O primeiro pilar da reação, o *pathos* da indignação, expressa o sentimento de revolta acerca dos produtos e objetos de preocupação criados pelo processo histórico, especificamente, com a formação de vítimas da História. De acordo com Shorten (2022, p. 23), a retórica da indignação pauta-se por uma visão negativa da História, na medida em que seu violento desenrolar produz mártires e um sentimento coletivo de desorientação. Por conseguinte, “para os reacionários, existe sempre um ‘nós’ cuja última rotação da roda da História coloca sob ameaça (promulgada em revoluções, no fim de impérios, no fim de Estados-nações, na ascensão das mulheres e assim por diante)” (SHORTEN, 2022, p. 23, tradução nossa).

A mobilização pelo reacionarismo desta forma emocional específica, visto que a indignação apresenta-se enquanto modalidade durável, acumulada e existencial de raiva (em oposição à alta intensidade e transitoriedade do ódio ou o caráter material do ressentimento), é constatada por Shorten em distintos contextos geográficos e momentos históricos. Burke, ao narrar os processos revolucionários de 1789 responsáveis pelo destronamento da aristocracia francesa, aciona a noção de um “nós” como sujeito comunitário prototípico, conclamado a simpatizar com os monarcas depostos. Neste caso,

a indignação é utilizada como mecanismo de compadecimento de um público por algumas das vítimas paradigmáticas do radicalismo da revolução (SHORTEN, 2022, p. 46).

Sarah Palin lança mão de recursos similares no contexto norte-americano contemporâneo. Shorten (2022, p. 81) aponta como sua concepção de um “nós” vitimizado, composto por famílias americanas nativas de colarinho azul, é convidado a indignar-se em relação ao *establishment* político e midiático, corroído e desvirtuado por supostas elites progressistas. Em todos estes casos, a “indignação opera em conjunto com uma espécie de autopiedade coletiva” (SHORTEN, 2022, p. 24, tradução nossa).

O segundo pilar retórico do reacionarismo, o *logos* da decadência, estrutura-se a partir do binômio diagnóstico-prescrição do mundo social. Neste movimento argumentativo, a reação “declara que a História possui uma direção, que transcorre – deveria transcorrer – ininterruptamente entre passado e presente. Apenas o presente está malfadado: nós estamos saindo consideravelmente dos trilhos” (SHORTEN, 2022, p. 22, tradução nossa). Desse modo, a noção de desvirtuamento da história assenta-se em uma avaliação racional sobre processos acumulativos de declínio moral, político e estético, cuja saída é oferecida pelo orador reacionário.

De acordo com Shorten (2022, p. 113), a persuasão racionalista da retórica da decadência é central no discurso nazifascista. Para além de identificar o individualismo, intelectualismo e parlamentarismo como elementos de declínio da sociedade germânica, Hitler acionara a ciência racial como instrumento de diagnóstico. O povo ariano colocaria sua posição hierarquicamente superior em risco através da miscigenação, um pecado contra as leis da natureza que enfraqueceria a pureza de seu sangue. Novamente, a metáfora do corpo é mobilizada, considerando que a ideia de “sifilização” da vida cultural, provocada pela “infecção judaica”, evoca o fenômeno da depravação sexual que ameaça a saúde da nação (SHORTEN, 2022, p. 130).

O *nouveaux réactionnaire* Éric Zemmour parte de um movimento argumentativo similar, a declaração inicial de seu *Le suicide français* (2014) atesta: “[a] França é o homem doente da Europa” (ZEMMOUR, 2014, p. 9 apud SHORTEN, 2022, p. 144, tradução nossa). Assim, a luta pela emancipação da geração de 1968 seria a grande responsável pela desmasculinização do país, cujos desdobramentos – queda da competitividade da economia, imigração em massa, destruição da família tradicional e ausência de lideranças políticas – culminam no declínio francês contemporâneo. Ainda que Zemmour confunda a

cronologia dos eventos com sequências causais², a tônica da decadência encontra-se no centro de sua análise.

Por fim, o último pilar retórico reacionário, o *ethos* da conspiração, completa o ciclo aristotélico de convencimento assente no caráter moral do orador. Esta proposição elabora uma Filosofia da História não pelos fundamentos da sorte, das estruturas impessoais ou do progresso racional, mas pela “força de um plano secreto de subversão da bondade” (SHORTEN, 2022, p. 23, tradução nossa). Portanto, segundo o agente da reação, a aflição e desorientação sentidas no presente são os resultados da ação de conspiradores ocultos e sistematicamente organizados para agir sobre a história.

Desse modo, a denúncia do complô estabelece uma relação de confiança específica entre orador e público, definida como o “ciclo virtuoso do anunciante de conspiração reacionário”. Segundo Shorten (2022, p. 170, tradução nossa),

Em um lado deste ciclo, o conhecimento de uma conspiração é o que torna o enunciador crível. Por outro lado – e em influência recíproca – a credibilidade do caráter do enunciador é o que validará a alegação de conhecimento inicial (por isso é “virtuoso”).

Concomitantemente, o ciclo de Shorten é composto por três classes de agentes fixos. A primeira delas, a audiência, é representada pela passividade de um grupo social enganado e ignorante frente à existência do complô. A segunda, formada por conspiradores, compõe uma dimensão ativa de organização e subversão política. Por fim, a última categoria corresponde ao delator, outro componente ativo, dotado de uma aura e características morais que conferem legitimidade à sua denúncia. Desse modo, o orador “torna-se um decisivo ‘desmascarador’: uma figura que estabelece um relacionamento distinto com a verdade” (SHORTEN, 2022, p. 210, tradução nossa).

Em McCarthy, este modelo argumentativo intensifica-se, considerando que o conluio comunista é denunciado em distintas esferas da sociedade norte-americana, desde a mídia e o sistema educacional, até os departamentos de Estado e a política externa. Aqui, o público é convidado a confiar no *ethos* do orador: “ele ‘expôs a situação bagunçada; ‘provou’ que possui ‘a faculdade de comandar a atenção pública’, ‘uma personalidade

² A falácia narrativa da descendência paterna ilegítima, frequente na retórica reacionária, estabelece uma “sucessão de eventos aparentes em uma determinada ordem, eventos estes sendo estágios do declínio de uma patologia fixa” (SHORTEN, 2022, p. 149, tradução nossa). Entretanto, este dedutivismo histórico pressupõe uma cadeia causal de fenômenos que não pode ser obtida pela simples passagem sequencial do tempo.

dinâmica’, ‘a habilidade de falar diretamente e ao ponto’” (SHORTEN, 2022, p. 175, tradução nossa).

As manifestações contemporâneas da retórica da conspiração podem ser verificadas no discurso de Anders Breivik, terrorista reacionário norueguês, que busca denunciar o suposto complô marxista e islâmico de destruição da civilização cristã. Logo, a “ascensão” do politicamente correto, o multiculturalismo e a migração em massa seriam alguns dos elementos responsáveis pela colonização árabe do continente europeu. Adicionalmente, Shorten (2022, p. 208) identifica que o *ethos* de sua argumentação funda-se, sobretudo, em delatores-*by-proxy*, fontes originárias de conhecimento sobre a conspiração a ser revelada.

O uso destes delatores estabelece bases argumentativas sólidas de confiança a partir das quais as teses de Breivik podem ser disseminadas. Por conseguinte, estas referências, para além de ampliarem a autoridade moral do orador, permitem que ele “utilize de comportamentos conspiratórios fictícios e os direcione (junto com suas causas e efeitos) para qualquer lugar que desejar” (SHORTEN, 2022, p. 209, tradução nossa). Tem-se, assim, uma chave interpretativa que possibilita a percepção – e distorção – de uma ampla teia de ações sociais como representações do complô.

Evidentemente, as proposições reacionárias da indignação, decadência e conspiração não atuam de maneira dissociada, mas, na verdade, sobrepõem-se em arranjos retóricos dinâmicos que se reforçam mutuamente. Ainda que estas combinações não se dêem de modo sempre coeso e são determinadas pelas circunstâncias históricas em que são acionadas, acabam por constituir um arsenal argumentativo sofisticado. Talvez, o seguinte trecho de McCarthy constitui-se enquanto modelo sintético destes três pilares retóricos:

Como nós podemos explicar nossa presente situação a não ser que acreditemos que homens poderosos neste governo estão orquestrando para trazer-nos ao desastre. Isto deve ser o produto de uma grande conspiração (HOFSTADER, 2008, p. 7 *apud* SHORTEN, 2022, p. 194, tradução nossa).

Aqui, o uso constante da primeira pessoa do plural estabelece um sujeito coletivo convidado a indignar-se frente uma ampla conspiração, cujos objetivos poderão romper o tecido social, levando-o a uma situação, aparentemente irreversível, de decadência. Desse modo, as três dimensões do discurso – emoção, razão e confiança – são interligadas em uma expressão eficiente e característica do reacionarismo.

Para além de suas estruturas retóricas, Shorten identifica no interior da ideologia reacionária três estilos expressivos particulares³. Ainda que não sejam aspectos universais e obrigatórios, apresentam-se enquanto recursos flexíveis e transponíveis, cujas capacidades de adaptação permitem sua conjugação com outros elementos desta tradição. Em poucas palavras, o “Estilo é o cimento ideológico dos pilares mais profundos [da retórica]” (SHORTEN, 2022, p. 259, tradução nossa).

A estilística bombástica aciona, simultaneamente, uma autoexibição arrogante e humilde do orador, em um movimento hipnótico e exuberante. Seu maior exemplo talvez seja a oscilação de Donald Trump entre a apresentação de um *self* presunçoso e vulnerável, poderoso e vitimizado. Aqui, Shorten (2022, p. 260) emprega uma metáfora musical, tal qual uma sinfonia de Mahler ou Strauss, o reacionarismo bombástico transcorre em altos planos e seu barulho é ensurdecedor.

O brutalismo, por seu lado, mobiliza imagens viscerais e chocantes em um compasso narrativo instável e frenético. Exclamações concisas – “É ultrajante” de Sarah Palin – e digressões extensas – as reproduções *verbatim* de McCarthy – criam impressões dissonantes no texto reacionário. Assim como a arquitetura brutalista, planejada a partir de materiais indiferentes à paisagem circundante, este estilo reacionário compõe formas angulares marcantes e passagens disjuntivas que saltam ao olhar da audiência (SHORTEN, 2022, p. 261).

Por último, o reacionarismo guarda em si uma dimensão *camp*, considerando que sua teatralização da experiência humana é expressa por certa excessividade autoconsciente. Ao mesmo tempo em que o pedido de Zemmour para que sua audiência contemple as ruínas da sociedade francesa compõe seu aspecto *kitsch*, as insinuações de Hitler sobre a “sífilização” da Alemanha transgridem normas socialmente permitidas da discussão política. Partindo das clássicas observações de Susan Sontag⁴, Shorten (2022, p. 262, tradução nossa) identifica no *camp* da reação um “solvente da moralidade [...] compatível com a tendência dos reacionários em direção ao machismo. Existe uma emoção machista em não seguir precedentes nem seguir normas, mas sim, violar tabus”.

³ O sentido de “estilo” empregado aqui é derivado de seu significado retórico clássico, enquanto “expressão artística de ideias” (SHORTEN, 2022, p. 259); distinto, portanto, da noção de Mannheim (1986, p. 77-78) de “estilos de pensamento”, inclusive aplicada ao conservadorismo, cuja intenção reside em estabelecer correlações entre condições sociohistóricas e “escolas” de interpretação do mundo.

⁴ Em seu clássico *Notes on camp*, Susan Sontag (2020, p. 356) define o *camp* como “uma visão do mundo em termos de estilo — mas de um tipo de estilo peculiar. É o amor pelo exagerado, pelo off, pelas coisas- sendo-o-que-não-são”.

Portanto, a anatomia do reacionarismo descrita por Shorten perpassa não apenas os três pilares aristotélicos da retórica, o *pathos* da indignação, o *logos* da decadência e o *ethos* da conspiração, mas, igualmente, a estética da expressão argumentativa. As analogias musicais, arquitetônicas e culturais usadas para descrever o estilo bombástico, brutalista e *camp* do pensamento reacionário destacam a complexidade dos modos de funcionamento desta ideologia política.

Assim, avulta-se aqui uma das diferenças centrais entre esta abordagem retórica sobre o reacionarismo daquela mobilizada por Hirschman. Enquanto o último enxergaria nos “imperativos de argumentação” um papel ampliado de cálculo estratégico do agente reacionário, reduzindo a retórica em interesses pré-concebidos, Shorten (2015, p. 177, tradução nossa) observa que a retórica “pode ser tanto sobre persuadir a si mesmo acerca de crenças, quanto persuadir outros”.

A grande tensão entre ambas as perspectivas reside, precisamente, nos graus de racionalidade presentes na argumentação. Ao passo que Hirschman privilegia a dimensão do *logos* no discurso da reação, de modo que as teses da perversidade, futilidade e ameaça são apresentadas como modelos de convencimento racionais de uma audiência, Shorten identifica outras “provas” persuasivas, pautadas pela emoção, confiança e expressão estética de conteúdos ideológicos.

De acordo com Shorten, o reacionarismo, enquanto ideologia autônoma do panorama político moderno, só pode ser compreendido a partir da análise de seus modos cotidianos de argumentação. Esta lição, retirada positivamente de Hirschman (2019, p. 10), pressupõe que “Existe um conteúdo ideológico no mundano” (SHORTEN, 2022, p. 262, tradução nossa). De fato, esta abordagem permite captar as continuidades históricas de uma linhagem de pensamento que, de outro modo, seriam perdidas.

O sentimento de se encontrar sempre “do lado errado da história” (SHORTEN, 2022, p. 22, tradução nossa), compartilhado tão frequentemente pelo reacionarismo, suas proposições e estilos retóricos particulares só podem ser dissecados se resistirmos à histeria de enxergar reacionários em todos os lugares e à indiferença de não os encontrar em lugar algum. Assim, o ensinamento principal de Shorten reside em constatar a banalidade da reação, em todos os sentidos que este termo pode adquirir.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Manuel. Introdução. *In*: Aristóteles. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

HIRSCHMAN, Albert. **A retórica da intransigência**: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HOFSTADTER, Richard. **The paranoid style in american politics**. New York: First Vintage, 2008.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. *In*: MARTINS, José (org.). **Introdução crítica à Sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 77-131.

SHORTEN, Richard. **Modernism and Totalitarianism**: rethinking the intellectual sources of nazism and stalinism, 1945 to the present. London: Palgrave Macmillan, 2012.

SHORTEN, Richard. Reactionary rhetoric reconsidered. **Journal of Political Ideologies**, v. 20, n. 2, p. 172-193, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13569317.2015.1034466?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 16 nov. 2022.

SHORTEN, Richard. **The ideology of political reactionaries**. New York: Routledge, 2022.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ZEMMOUR, Éric. **Le suicide français**. Paris: Albin Michel, 2014.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

INDIGNAÇÃO, DECADÊNCIA E CONSPIRAÇÃO: A RETÓRICA REACIONÁRIA SEGUNDO RICHARD SHORTEN

Gustavo Gabaldo Grama de Barros Silva

Doutorando em Ciências Sociais

Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Juiz de Fora, Brasil

gustavograma97@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0540-9457>

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de doutorado, sem a qual não poderia me dedicar inteiramente à pesquisa.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença,



compartilhar igual. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença.**

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebida em: 25/04/2023

Aprovada em: 05/05/2023

